

Estilo de Apego e Conjugalidade: uma Revisão Sistemática da Literatura

Attachment Style and Conjugal: A Systematic Review of Literature

Bruna D'andréa de Andrades

Mestre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
brandrades@gmail.com

Rosita Barral Santos

Mestre; Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
rositabarrals@gmail.com

Adriana Wagner

Doutora; Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. adrianaxwagner@gmail.com

Resumo

Esta revisão sistemática da literatura objetivou analisar os estudos sobre a relação entre estilo de apego e conjugalidade. Utilizando os descritores “estilo de apego” e “apego casal” nas bases *PsycInfo* e *Biblioteca Virtual em Saúde* obteve-se 257 artigos, que submetidos aos critérios de inclusão e exclusão, retornaram 33 artigos. A análise destes estudos, publicados entre 2007 e 2017, revelou uma variedade de temas divididos em três eixos articuladores das dimensões da conjugalidade: individuais, conjugais e contextuais. Identificou-se a necessidade de mais estudos que discutam o papel do estilo de apego em adulto no contexto da conjugalidade. Indica-se que outras pesquisas investiguem quais aspectos do estilo de apego podem potencializar a qualidade conjugal.

Palavras-chave: casal; casamento; comportamento de apego; revisão sistemática.

Abstract

This systematic review of literature aimed studies about the relationship between attachment style and marriage. Using the descriptors “estilo de apego” (attachment style) and “apego casal” (couple attachment) within databases of *PsycInfo* and *Biblioteca Virtual em Saúde*, 257 articles were retrieved. After submitting to a criterion of inclusion and exclusion, it came down to 33 articles. The analysis of the studies published between 2007 and 2017, unveiled a variety of themes grouped in three enabling axes of marriage dimensions: individual, marital and contextual. It was identified the need for further studies approaching an adult’s role on attachment style in marriage. Further research should investigate which aspects of attachment style empowers marital quality.

Keywords: couple; marriage; attachment behavior; systematic review.

Introdução

O relacionamento amoroso vem sendo alvo de interesse dos pesquisadores há muitos anos, principalmente devido ao fato de a maioria dos seres humanos se envolverem em algum tipo de união ao longo da vida (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). Os estudos sobre conjugalidade têm voltado suas atenções para diferentes aspectos que compõe a qualidade do relacionamento, como as variáveis que regulam e mediam a satisfação do casamento (James, 2015; Scheeren, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014; Villeneuve et al., 2014; Kouros & Cummings, 2011), as estratégias de resolução de conflito (Neves & Duarte, 2015; Scheeren, Delatorre, Neumann, & Wagner, 2015) e até mesmo programas psicoeducativos para casais (Wagner, Mosmann & Falcke, 2015). Diversos estudos apontam que a qualidade do relacionamento impacta não apenas em um casamento com bons níveis de satisfação, mas também na saúde física e psicológica dos indivíduos casados (Kouros & Cummings, 2011; Whisman, Dementyeva, Baucom, & Bulik, 2012; Liu & Waite, 2014). Portanto, as evidências revelam a importância de estudar a conjugalidade tendo em vista seu impacto na vida humana.

De acordo com Anton (2000), a conjugalidade é uma relação complexa que pode ser compreendida através de três diferentes âmbitos: contextual, individual e transgeracional. Rosado, Barbosa e Wagner (2016) contribuíram para esse entendimento mapeando a função das características individuais, do casal e do contexto no ajustamento conjugal. Partindo dessa perspectiva, Delatorre, Scheeren e Wagner (2017) consideram que a conjugalidade é uma relação multifacetada que envolve diversas variáveis as quais, em alguma medida, impactam o relacionamento do casal.

Halford, Markman, Kline e Stanley (2003) classificaram as variáveis envolvidas na conjugalidade como dinâmicas e estáticas. As variáveis dinâmicas são passíveis de serem modificadas por intervenções, tais como os programas psicoeducativos que visam a melhoria do relacionamento conjugal, assim como o processo de terapia de casal. As expectativas com o relacionamento e a comunicação do casal são alguns exemplos destas variáveis. Por sua vez, as variáveis estáticas são as que fazem parte da constituição dos indivíduos, por exemplo, as experiências com a família de origem e o estilo de apego. Portanto, não são passíveis de modificação com intervenções, pois fazem parte da constituição da história de vida dos sujeitos e contribuem para a formação de sua personalidade. O estilo de apego, por sua vez, tem se mostrado relativamente estável, sendo constituído na infância e reproduzido nos relacionamentos do indivíduo ao longo de toda sua vida.

Desenvolvida por John Bowlby (1969, 1982), a Teoria do Apego traz contribuições para o entendimento da vinculação humana, desde os primórdios da interação mãe-bebê. Bowlby postulou que o apego do indivíduo influencia na maneira como ele se vincularia às figuras importantes ao longo da vida, demonstrando um padrão comportamental e cognitivo nas suas relações, o qual é desencadeado, principalmente, em situações de estresse e ameaça.

Buscando entender a manifestação do estilo de apego na vida adulta, Hazan e Shaver (1987) desenvolveram um instrumento de avaliação do apego no relacionamento romântico. Eles dividiram os estilos de apego em três tipos: seguro, inseguro-ansioso e inseguro-evitativo. O estilo de apego seguro diz respeito a indivíduos que desenvolvem laços de amizade, confiança e afeto com o parceiro. O estilo de apego inseguro-ansioso se refere a indivíduos com maior dificuldade de diferenciação do par, necessitando de maior reciprocidade do parceiro. Por fim, o estilo de apego inseguro-evitativo diz respeito a indivíduos que sentem incômodo e desconforto com a intimidade e a proximidade na relação (Natividade & Shiramizu, 2015). A teoria do apego do adulto sugere que indivíduos com apego seguro seriam mais satisfeitos em seus relacionamentos do que aqueles que experienciam ansiedade e evitação em suas relações (Hazan & Shaver, 1987).

De maneira geral, o foco das pesquisas sobre conjugalidade não é o estilo de apego, apesar de, muitas vezes, as investigações considerarem que há repercussões dessa variável para o casal. A disponibilidade de literatura que versa sobre o apego nos relacionamentos adultos é, em sua maioria, destinada ao entendimento do papel do apego em eventos estressantes (Seedal & Lachmar, 2016), deixando uma lacuna para o entendimento da contribuição dos diferentes arranjos de estilos de apego na conjugalidade. Desse modo, este trabalho busca conhecer como as pesquisas recentes que avaliam a variável estilo de apego relacionado a conjugalidade vêm contribuindo para esse entendimento. Diante do exposto, o presente artigo tem o objetivo de revisar sistematicamente os estudos que relacionam estilo de apego e conjugalidade, de modo a atualizar a literatura sobre a temática e contribuir para uma compreensão mais aprofundada das possíveis implicações do estilo de apego no relacionamento amoroso.

Método

Delineamento

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, de corte transversal.

Procedimentos de coleta de dados

O levantamento bibliográfico foi realizado nas seguintes bases de dados: PsycInfo e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), escolhidas porque concentram a maior parte das publicações de impacto na área da Psicologia e ciências da saúde, além de abrangerem as produções dos contextos brasileiro e internacional.

Os critérios de inclusão foram: a) ser um artigo científico, b) publicado no período compreendido entre 2007 e 2017, c) com textos completos disponíveis nas bases de dados escolhidas, para acesso online pelo portal de periódicos da CAPES, e d) ser um estudo empírico. Os critérios de exclusão foram: a) artigos duplicados nas bases escolhidas, b) estudos que não tratam do estilo de apego voltado especificamente para a conjugalidade e c) ser artigo teórico ou revisão de literatura.

A busca pelos artigos ocorreu em junho de 2017. Optou-se pela utilização dos descritores das próprias bases, tendo em vista a padronização já realizada pelas mesmas. Na base PsycINFO foi inserido nos campos de busca “attachment style OR attachment pattern”, pois a base utiliza as duas formas para catalogar estudos sobre estilo de apego e, dessa forma, utilizou-se o operador booleano “OR” para encontrar estudos que estivessem inseridos em uma ou em outra categoria. Além disso, a PsycINFO oferece a possibilidade da pesquisa ser refinada previamente por diversos aspectos. Optou-se, na busca avançada, pelas filtragens: “document type: jornal article”, “type: jornal article” e a opção “APA Full-TextOnly”. Na base BVS, foi inserido no campo de busca “estilo de apego”, visto que a base não possui descritor próprio para esse construto, optando-se, assim, pela tradução dos descritores da PsycINFO. A BVS possui filtros próprios para refinar a pesquisa. Foi selecionada a opção: “Texto completo: Disponível”. Foi identificado que alguns estudos não foram contemplados nessa pesquisa e, devido a isso, foi realizada uma segunda busca complementar na BVS, inserindo-se no campo de busca “apego casal”. Os filtros da base utilizados foram: “Texto completo: Disponível” e marcados em “Ano de publicação” todos os anos compreendidos entre 2007 e 2017.

Posteriormente, foi realizada uma filtragem manual a partir dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Os artigos que satisfizeram a seleção foram inseridos em uma tabela do programa Excel para melhor visualização dos autores, ano e tema. Em seguida, foi realizada uma categorização dos estudos, contendo: ano de publicação, revista publicada, local de realização do estudo, metodologia, temática estudada, objetivos da pesquisa, população pesquisada,

instrumentos utilizados e resultados obtidos, sendo estes apresentados a partir das variáveis relacionadas a cada estilo de apego específico: seguro, inseguro-ansioso ou inseguro-evitativo.

Procedimento de análise de dados

A última etapa deste trabalho consistiu na análise qualitativa dos estudos selecionados. O procedimento de análise adotado embasou-se no Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis (PRISMA) checklist (Liberatiet al., 2009), que pode ser sintetizado nos seguintes passos: a) levantamento da bibliografia nas bases de dados selecionadas, com uso de palavras-chave pré-estabelecidas; b) leitura dos resumos, após realizada a seleção dos estudos relacionados ao objetivo da investigação; c) recuperação e avaliação dos artigos selecionados na íntegra; d) caracterização e análise do conteúdo dos estudos.

A análise foi realizada por dois juízes independentes, após definidas as estratégias de busca, e obedeceu rigorosamente aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos de acordo com o objetivo do estudo. Estes procedimentos da revisão foram realizados conforme idealizado por Sampaio e Mancini (2007), que consideram como etapa subsequente a análise crítica dos estudos selecionados.

Resultados

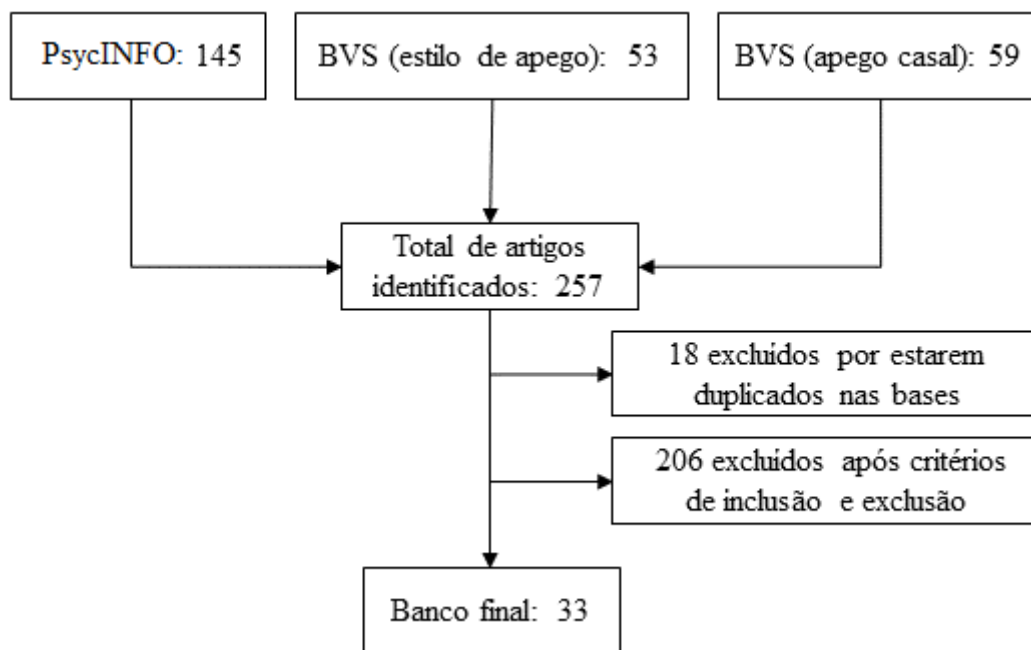
A seleção inicial retornou 257 artigos nas bases de dados, sendo 145 correspondentes à PsycINFO, 53 referentes à primeira busca na base BVS (com os descritores “estilo de apego”) e 59 artigos referentes à segunda busca nessa mesma base (utilizando os descritores “apego casal”). Dessa seleção inicial, foram encontrados 18 artigos repetidos entre as bases, que tiveram suas duplicatas removidas. Aplicados os critérios de inclusão e exclusão do estudo, 206 artigos foram excluídos por não se adequarem aos critérios propostos para a análise. Ao final, 33 artigos foram identificados como relevantes para este estudo, sendo eles nos idiomas: inglês, espanhol e português. A Figura 1 ilustra o fluxograma da busca nas bases de dados com os dados obtidos.

Dos 33 artigos analisados, identificou-se uma predominância de publicações norte-americanas, sendo 19 dos EUA e 5 do Canadá, com apenas 9 artigos de outros países. Esta predominância pode ser justificada pelo fato de uma das bases de dados utilizadas, a PsycINFO, resgatar textos completos apenas da American Psychological Association(APA). Houve uma distribuição homogênea de publicações sobre a temática entre os anos pesquisados, sendo que 2016 foi o ano com mais publicações (n=7). O método quantitativo foi predominante, havendo

apenas um estudo com método qualitativo. O instrumento mais utilizado para avaliar o apego nas pesquisas foi a escala Experience in Close Relationships (24,8%), tanto em sua versão original quanto nas versões modificadas, como a Experience in Close Relationships-Revised (15,2%). Os dados descritivos sobre os estudos estão incluídos na Tabela 1 para melhor visualização.

Figura 1

Fluxograma da Busca nas Bases de Dados



Os estudos trataram sobre diferentes temáticas relacionadas ao estilo de apego e à conjugalidade. A saúde psicológica dos cônjuges (Dekel, 2007; Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer, & Shaver, 2010; Herbert, McCormack & Callahan, 2010; Smith, Breiding, & Papp, 2012; Gallagher et al., 2017), o ciclo vital (Cox & Arndt, 2012), as características de personalidade dos parceiros (Rohmann, Neumann, Herner, & Bierhoff, 2012), as crises no relacionamento (DeWall, et al., 2011), a dinâmica conjugal (Loubat, Ponce, & Salas, 2007; Gere, Macdonald, Joel, Spielmann, & Impett, 2013; Scheeren, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014; Scheeren, Delatorre, Neumann, & Wagner, 2015; Khalifian & Barry, 2016), a influência da família (Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2011; Nosko, Tieu, Lawford, & Pratt, 2011; Semensato & Bosa, 2014; Simons, Simons, Landor, Bryant, & Beach, 2014; Ratto, Doyle, & Markiewicz, 2016), a sexualidade (Kruger & Hughes, 2010), a terapia de casal (Butler, Harper, & Mitchell, 2011; Benson, Sevier, & Christensen, 2013; Dalglish et al., 2015; Burgess

et al., 2016; Johnson et al., 2016; Seedall, Butler, Zamora, & Yang, 2016), os aspectos psicofisiológicos, como marcadores hormonais (Seedall & Lachmar, 2016), a saúde física dos cônjuges (Hwang, Johnston, & Smith, 2007; Forsythe, Romano, Jensen, & Thorn, 2012; Uchino et al., 2013), características individuais (Selterman & Drigotas, 2009; Mohr, Selterman, & Fassinger, 2013, Skentelbery & Fowler, 2016) e a idealização do relacionamento (Tomlinson, Carmichael, Reis, & Aron, 2010) foram os temas estudados.

Tabela 1 - *Dados Descritivos*

Característica		Frequência/Percentual
Ano	2007	3 / 9,1
	2009	1 / 3
	2010	4 / 12
	2011	4 / 12
	2012	4 / 12
	2013	4 / 12
	2014	3 / 9,1
	2015	2 / 6,1
	2016	7 / 21
	2017	1 / 3
Método	Quantitativo	24 / 72,7
	Misto Quantitativo/Longitudinal	7 / 21
	Qualitativo	1 / 3
		1 / 3
Instrumento de medição de apego	Experiences in Close Relationships	8 / 24,2
	Experiences in Close Relationships-Revised	5 / 15,2
	Relationship Scale Questionnaire	
	Adult Attachment Style Scale	3 / 9,1
	Attachment Self-report	3 / 9,1
	Experience in Close Relationship Short Version	2 / 6,1
	Adult Attachment Questionnaire	2 / 6,1
	Attachment Style Measures	2 / 6,1
	Attachment Style Questionnaire	1 / 3
	Adult Attachment Style Scale Revised	1 / 3
	Attachment Script Assessment	
	Experience in Close Relationships – Relationship Specific	1 / 3
	Experiencia de apego adulto	1 / 3
	Experience in Close Relationship – M	1 / 3
	Modeles individueles de Relations	1 / 3
		1 / 3
Total de artigos		33

Os artigos que trataram sobre a utilização de algum tipo de intervenção terapêutica de casal voltada para o estilo de apego dos indivíduos reportaram diferentes resultados. O

estilo de apego foi identificado como relativamente estável ao longo das intervenções da terapia de casal tradicional (Johnson et al., 2016), porém, foi identificado aumento no estilo de apego seguro no estudo que utilizou encenações entre casais como abordagem e nos estudos com terapia focada nas emoções (Butler et al., 2011; Benson et al., 2013; Burgess et al., 2016), sendo relacionado o aumento da satisfação conjugal com o decréscimo do apego inseguro.

Quanto aos resultados relacionados ao estilo de apego seguro, este aparece associado a maiores níveis de confiança e capacidade de intimidade com o parceiro, além de autocontrole, empatia, capacidade de atrasar a gratificação com o relacionamento (Simons et al., 2014) e maior ajustamento diádico (Hwang et al., 2007). Foi inversamente associado a comportamentos de dor autorrelatados, intensidade da dor, percepção negativa das respostas do cônjuge e sintomas depressivos (Forsythe, Romano, Jensen, & Thorn, 2012). Ainda, em estudo sobre violência conjugal, o grupo de mulheres com ausência de violência predominava estilo de apego seguro entre os indivíduos (Loubat, Ponce, & Salas, 2007). Apego seguro individual se relacionou com apego seguro do casal (Semensato & Bosa, 2014). Interações positivas com a família na adolescência foram preditoras de apego seguro na idade adulta (Dinero, Conger, Shaver, Widaman, & Larsen-Rife, 2011; Nosko et al., 2011).

O estilo de apego inseguro-ansioso apareceu relacionado a maiores percepções de ameaça (Gere et al., 2013), menores graus de satisfação com a conjugalidade (Kruger & Hughes, 2010) e maior dificuldade em encaminhar os conflitos conjugais de maneira construtiva (Scheeren, Delatorre, Neumann, & Wagner, 2015). Para os indivíduos com esse estilo de apego, houve maiores índices de psicopatologias (Dekel, 2007; Herbert et al., 2010), além de serem mais propensos a desenvolver psicopatologias concomitantes às do companheiro (Ein-Dor et al., 2010). Estilo de apego inseguro-ansioso também teve associação positiva com coesão diádica (Hwang et al., 2007) e entre monogamia e qualidade conjugal (Mohr, Selterman, & Fassinger, 2013), demonstrando também menos emoções negativas com o parceiro (Ratto et al., 2016; Seedall & Lachmar, 2016).

Por sua vez, o estilo de apego inseguro-evitativo se associou a níveis individuais mais altos de psicopatologia, podendo também contribuir para o agravamento de psicopatologia dos cônjuges (Dekel, 2007; Ein-Dor et al., 2010; Herbert et al., 2010; Gallagher et al., 2017). Houve relação do apego inseguro-evitativo e baixos níveis de intimidade com o parceiro, sendo esta relação mediada pela confiança que um cônjuge tem pelo outro (Khalifian & Barry, 2016). Indivíduos com esse estilo de apego apresentaram emoções mais negativas em relação ao

parceiro (Ratto et al., 2016), demonstraram menor percepção de recompensa com o relacionamento (Gere et al., 2013) e maior propensão à infidelidade (DeWalle et al., 2011). Interações familiares ruins na adolescência foram preditoras de estilo de apego inseguro-evitativo na idade adulta (Nosko et al., 2011). Esse estilo de apego se relacionou inversamente com o grau de satisfação pós relação sexual (Kruger & Hughes, 2010) e com o ajustamento diádico geral (Hwang et al., 2007).

Quanto à variedade de temas abordados nos estudos, é possível dividi-los em três eixos de análise que se articulam aos aspectos da conjugalidade: (a) os individuais, que contemplam a saúde psicológica e/ou física dos cônjuges, as características de personalidade dos parceiros, as características individuais, a idealização do relacionamento e os aspectos psicofisiológicos; (b), os conjugais, que englobam a dinâmica do casal, as crises no relacionamento e a sexualidade; e (c) os contextuais, que incluem o ciclo vital, a terapia de casal e a influência da família no relacionamento.

Tabela 2

Categorização dos estudos

Nº	Título do artigo	Autores	Ano	Base	Eixo
1	Depressive moods and marital happiness: Within-person synchrony, moderators, and meaning	Smith, D. A.; Breiding, M. J.; Papp, L. M.	2012	PsycInfo	Individual
2	How sweet it is to be loved by you: The role of perceived regard in the terror management of close relationships	Cox, C. R.; Arndt, J.	2012	PsycInfo	Individual
3	Interactive self-regulation during mate searching: Reciprocal romantic interest increases attention allocation to opposite-sex others	Koranyi, N.; Rothermund, K.	2012	PsycInfo	Individual
4	Grandiose and vulnerable narcissism: Self-construal, attachment, and love in romantic relationships	Rohmann, E. et al	2012	PsycInfo	Individual
5	So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: Avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity	DeWall, C. N. et al	2011	PsycInfo	Conjugal
6	Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security	Dinero, R. E. et al.	2008	PsycInfo	Contextual
7	How do I love thee? Let me count the ways: Parenting during adolescence, attachment styles, and romantic narratives in emerging adulthood	Nosko, A. et al	2011	PsycInfo	Contextual
8	Variation in reproductive strategies influences post-coital	Kruger, D. J.; Hughes, S. M.	2010	PsycInfo	Conjugal

experiences with partners					
9	Together in pain: Attachment-related dyadic processes and posttraumatic stress disorder	Ein-Dor, T. et al	2010	PsycInfo	Individual
10	Affective forecasting and individual differences: Accuracy for relational events and anxious attachment	Tomlinson, J. M. et al	2010	PsycInfo	Conjugal
11	An investigation of the object relations theory of depression	Herbert, G. L.; McCormack, V.; Callahan, J. L.	2010	PsycInfo	Individual
12	Attachment styles and emotional content, stress, and conflict in dreams of romantic partners	Seltermann, D.; Drigotas, S.	2009	PsycInfo	Individual
13	Posttraumatic distress and growth among wives of prisoners of war: The contribution of husbands' posttraumatic stress disorder and wives' own attachment	Dekel, R.	2007	PsycInfo	Individual
14	Romantic attachment in individuals with physical disabilities	Hwang, K.; Johnston, M.; Smith, J. K.	2007	PsycInfo	Individual
15	O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal	Scheeren, P. et al	2015	BVS	Conjugal
16	Dyadic Effects of Attachment on Mental Health: Couples in a Postdisaster Context	Gallagher, H. C. et al	2017	PsycInfo	Individual
17	Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions	Khalifian, C. E.; Barry, R. A.	2016	PsycInfo	Conjugal
18	Attachment styles of women-younger partners in age-gap relationships	Skentelbery, S. G.; Fowler, D. M.	2016	PsycInfo	Contextual
19	Attachment-related dynamics during a positively themed couple interaction: Implications of anxiety and avoidance	Seedall, R. B.; Lachmar, E. M.	2016	PsycInfo	Contextual
20	Attachment with mother and adolescents' conflict with romantic partner or close friend	Ratto, N.; Doyle, A-B.; Markiewicz, D.	2016	PsycInfo	Contextual
21	Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among African Americans	Simons, L. G. et al	2014	PsycInfo	Contextual
22	The independent contributions of social reward and threat perceptions to romantic commitment	Gere, J. et al	2013	PsycInfo	Contextual
23	Relationships and cardiovascular risk: Perceived spousal ambivalence in specific relationship contexts and its links to inflammation	Uchino, B. N. et al	2013	PsycInfo	Individual
24	Romantic attachment and relationship functioning in same-sex couples	Mohr, J. J.; Seltermann, D.; Fassinger, R. E.	2013	PsycInfo	Conjugal
25	Attachment style is associated with perceived spouse responses and pain-related outcomes	Forsythe, L. P. et al	2012	PsycInfo	Individual
26	Attachment Change in the Beginning Stages of Therapy: Examining Change Trajectories for Avoidance and Anxiety	Seedall, R. B. et al	2016	BVS	Contextual

27	Changes in Relationship-Specific Attachment in Emotionally Focused Couple Therapy	Burgess Moser, M. et al	2016	BVS	Contextual
28	Examining Attachment Avoidance and Attachment Anxiety Across Eight Sessions of Couple Therapy	Johnson, L. N. et al	2016	BVS	Contextual
29	Predicting Key Change Events in Emotionally Focused Couple Therapy	Dalgleish, T. L.	2015	BVS	Contextual
30	Apego em casais com um filho com Autismo	Semensato, M. R.; Bosa, C. A.	2014	BVS	Contextual
31	Qualidade conjugal e apego: O papel mediador dos estilos de resolução de conflito	Scheeren, P. et al	2014	BVS	Conjugal
32	The impact of behavioral couple therapy on attachment in distressed couples.	Benson, L. A.; Sevier, M.; Christensen, A.	2013	BVS	Contextual
33	A comparison of attachment outcomes in enactment-based versus therapist-centered therapy process modalities in couple therapy.	Butler, M. H; Harper, J. M; Mitchell, C. B	2011	BVS	Contextual

Esses eixos são relevantes, pois corroboram os pressupostos da literatura a respeito da conjugalidade (Anton, 2000; Rosado, Barbosa, & Wagner, 2016), que aponta para a intersecção destas instancias no relacionamento amoroso. O estilo de apego, que o indivíduo forma na infância e se torna seu modelo de vinculação ao longo da sua vida é uma variável fundamental quanto as suas implicações no relacionamento amoroso. Percebe-se com a análise dos estudos revisados que o estilo de apego individual reverbera nos aspectos conjugais e pode ter bases contextuais (por exemplo, a influência da família), o que denota o caráter sistêmico do construto, em que uma ação individual repercute não apenas na própria pessoa, mas também naquela com quem ela se relaciona.

Discussão

Diante do objetivo de revisar sistematicamente os estudos que relacionam estilo de apego e conjugalidade, a análise dos artigos selecionados segundo os critérios adotados possibilitou verificar que apenas 4 (12%) artigos eram latinoamericanos, embora tenha sido utilizada na busca a base BVS. Este dado pode estar relacionado aos descritores dos estudos norte-americanos, visto que suas terminologias apontam para uma padronização conceitual do objeto de estudo, o que se reflete no fato de a base PsycINFO ter um descritor específico para estilo de apego (attachment style), enquanto a BVS não dispõe de uma categorização para esse construto.

Quanto à distribuição das publicações, houve homogeneidade ao longo dos anos, embora uma maior produção científica no ano de 2016 ($n=7$), sendo que neste ano houve um aumento de estudos relacionados à temática da psicoterapia de casais voltadas para o estilo de apego. Esse maior interesse nas investigações sobre as variáveis envolvidas na terapia de casal se associa à tendência crescente das pesquisas cujo objetivo é ampliar o conhecimento sobre as práticas psicoterápicas baseadas em evidências, considerando as diversas abordagens teóricas e metodológicas (Brum et al, 2012; Serralta et al, 2011).

No que tange aos instrumentos, os estilos de apego medidos por escalas podem apresentar variâncias, como destacado em revisão de instrumentos de medição do estilo de apego feita Ravitz, Maunder, Hunter, Sthankiya e Lancee (2010), que menciona o fato de algumas nuances do estilo de apego do indivíduo só se ativarem em determinadas situações, o que nem sempre acontece durante o preenchimento de uma escala de autorrelato. Há, portanto, necessidade de se realizar mais estudos longitudinais que contribuam para o entendimento do caráter de estabilidade ou flexibilidade do apego. Isso pode ser dificultado, especialmente no Brasil, devido à escassez de recursos e investimentos em pesquisa, o que provavelmente justifica a realização de mais pesquisas de método quantitativo do que outras metodologias.

Observou-se que uma parcela dos estudos (21%) era de caráter longitudinal ou faziam parte de um projeto longitudinal mais abrangente. Este aspecto é especialmente relevante em se tratando de apego, pois estudos divergem quanto à sua estabilidade ao longo da vida e quanto à influência de eventos de impacto significativo que podem vir a modificar os estilos de apego (Benson, Sevier, & Christensen, 2013; Burgess, Moser et al., 2016; Butler, Harper, & Mitchell, 2011; Dagleishet al., 2015; Johnson et al., 2016). Os estudos longitudinais possibilitam maior aprofundamento e fidedignidade aos achados sobre o apego e podem contribuir no entendimento da relação entre a expressão do apego na vida adulta com vivências anteriores dos sujeitos investigados.

Diante das diferentes formas de explorar esse construto, há destaque para um estudo que investigou respostas psicofisiológicas relacionadas aos estilos de apego (Seedall & Lachmar, 2016) e, para tanto, utilizou um método diferente das demais pesquisas. Considerando que situações de estresse e ameaça provocam reações no organismo e que são gatilhos para a manifestação do estilo de apego individual (Powers, Pietromonaco, Gunlicks, & Sayer, 2006), surpreende que poucos estudos explorem a relação entre mente e corpo.

Quanto aos instrumentos para avaliar o estilo de apego, percebe-se uma maior utilização de escalas que aferem o estilo de apego com o parceiro atual, como a Experience in Close Relationships (Brennan, Clark, & Shaver, 1998), em comparação com o estilo de apego que o indivíduo manifesta em relacionamentos românticos no geral, como a Relationship Scale Questionnaire (Griffin & Bartholomew, 1994). Por vezes, a literatura aponta para uma diferença entre o estilo de apego com o parceiro atual e aquele que o indivíduo apresentou em outros relacionamentos românticos (Ravitz et al, 2010). Isso se deve ao fato de outras variáveis contribuírem para um indivíduo se sentir mais seguro ou inseguro com o parceiro. Essas incongruências mostram que o construto apego é difícil de ser mensurado, e as pesquisas têm limitações quanto à consistência dos resultados.

O fato de Bowlby (1969, 1982) ter proposto o apego como sendo um construto estável ao longo do tempo pode estar relacionado ao baixo número de investigações sobre ele, especialmente qualitativas, levando os pesquisadores a voltarem suas atenções para outras variáveis relacionadas à conjugalidade. Há estudos que indicam, por exemplo, que as estratégias construtivas de resolução de conflitos podem influenciar indivíduos com estilo de apego inseguro a serem mais resolutivos nas questões estressantes do relacionamento (Schereen, Vieira, Goulart, & Wagner, 2014), e essas são habilidades que podem ser aprendidas e modificadas ao longo da vida, ampliando as possibilidades da prática clínica.

No que diz respeito aos resultados das pesquisas analisadas, nota-se que eles são divergentes, o que pode ser justificado pela diversidade de variáveis envolvidas no mesmo estudo, dificultando o aprofundamento na compreensão do impacto do estilo de apego na conjugalidade. Considera-se, ainda, que essas variáveis têm, muitas vezes, diferentes terminologias. Alguns autores mencionam a dificuldade de generalização de pesquisas sobre casais por este ainda ser um campo em que há diversas nomenclaturas para o mesmo fenômeno ou construto, o que dificulta a mensuração e comparação dos resultados de estudos (Monteiro, 2001; Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). As divergências nos resultados também podem ocorrer devido às características da população estudada ou, ainda, pelas limitações dos instrumentos utilizados.

Em geral, o estilo de apego seguro apareceu relacionado ao maior ajustamento conjugal e positividade na interação com o parceiro; o estilo de apego inseguro-ansioso se associou a relacionamentos mais temerosos ao se separar do outro; e o estilo de apego inseguro-evitativo se relacionou a níveis mais negativos de interação com o parceiro. Os estilos de apego inseguro

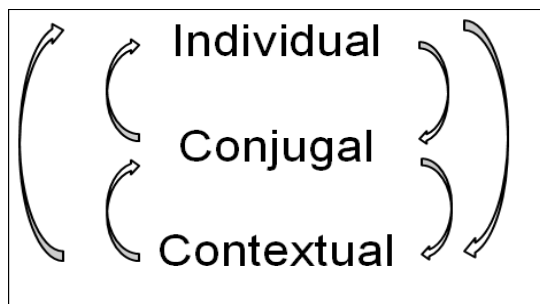
demonstraram, também, maior relação com psicopatologias. Esses resultados são parecidos com a Teoria do Apego clássica de Bowlby, e as pesquisas subsequentes têm corroborado essas premissas. Todavia, algumas ressalvas são importantes para o entendimento do porquê esses resultados terem aparecido nas pesquisas revisadas.

O estilo de apego inseguro-evitativo, em algumas situações, pode ser entendido como uma maneira do indivíduo se proteger emocionalmente do companheiro, como identificado por Smith, Breiding e Papp (2012) em estudo sobre depressão e felicidade conjugal. Ao identificarem que a depressão do cônjuge poderia também deprimi-los, os indivíduos manifestaram maiores níveis de apego inseguro-evitativo como estratégia de autopreservação. Analisando diadicamente, essa resposta do companheiro muitas vezes contribuía para adoecimento mais frequente do indivíduo com a psicopatologia (Dekel, 2007; Ein-Dor, Doron, Solomon, Mikulincer, & Shaver, 2010; Herbert, McCormack, & Callahan, 2010; Gallagher et al., 2017) e conseqüentemente para a relação como um todo. Esse entendimento possibilita pensar que outras variáveis, como a condição psicológica do casal, podem influenciar na maneira como o estilo de apego individual se manifestará. O estilo de apego inseguro-evitativo é, muitas vezes, entendido como responsável pelos baixos níveis de qualidade conjugal, porém, alguns estudos, como Dekel (2007) e Smith, Breiding e Papp (2012) o associam a uma resposta a outros eventos estressantes do relacionamento, como a psicopatologia do parceiro.

É sabido que o estilo de apego do indivíduo se manifesta em situações de estresse e ameaça, como os identificados. Caso essas condições não existissem ou fossem sanadas, o indivíduo continuaria manifestando altos níveis de estilo de apego inseguro-evitativo? Ou se aproximaria de níveis mais seguros? Essas questões poderiam ser melhor entendidas através de estudos longitudinais, que avaliariam o indivíduo em diferentes momentos. De maneira semelhante, o estilo de apego inseguro-ansioso foi aferido sem que os indivíduos estivessem em uma situação de ameaça que viesse a ativar suas inseguranças, o que pode sugerir que os resultados seriam diferentes se tivessem outra abordagem metodológica.

Ressalta-se, ainda, que embora Bowlby (1969) tenha postulado o caráter inconsciente do apego, ele também aponta sua constituição na relação com o outro e refere que sua manifestação acontecerá, principalmente, em contextos de estresse e de ameaça. Dessa forma, entende-se que a análise na perspectiva sistêmica corrobora a literatura clássica sobre o apego, adicionando a repercussão que o eixo individual pode ter na conjugalidade e também a ênfase na interação mútua entre todos os eixos. Essa interação pode ser observada na Figura 2.

Figura 2: Esquema de Articulação dos Aspectos da Conjugalidade



Os estudos que compuseram esta revisão apontaram uma compreensão de mútua interação entre os eixos da Figura 2, como no caso em que o contexto das intervenções psicoterápicas influenciou níveis de apego do indivíduo e, posteriormente, culminou em repercussões na conjugalidade. Este movimento pode-se ser entendido a partir do conceito de reverberação, na perspectiva sistêmica. Além disso, percebeu-se que o contexto familiar também pode ser afetado pelos eixos individual e conjugal.

No que se refere ao eixo conjugal, notou-se a articulação: (a) das dimensões individuais, como os aspectos de saúde do cônjuge implicando na conexão dos casal; e (b) das dimensões contextuais, como as situações atravessadas no ciclo vital. Conclui-se, portanto, que o estilo de apego do indivíduo é um construto complexo e multidimensional, visto que sofre influência da dimensão contextual, implica diretamente na dimensão individual da conjugalidade, e tem reverberações na relação conjugal propriamente dita.

Por fim, um aspecto compreendido como uma lacuna na produção do conhecimento é a escassez de estudos e o pouco destaque dado à intersecção entre estilo de apego e conjugalidade na intersecção com as questões de gênero dos cônjuges. Há estudos na Turquia que apontam o gênero como significativo para as análises do estilo de apego em relação ao ciúme romântico (Güçlü et al, 2017) e ao ajustamento conjugal (Koruk, 2017; Özmen, Atik, 2010), por exemplo. Encontra-se, ainda, um estudo norte-americano (Timm, Keiley, 2011) que buscou investigar o gênero associado à comunicação sexual e à satisfação sexual e conjugal em uma população multicultural sem, no entanto, ressaltar as diferenças culturais da amostra heterogênea investigada. Outros estudos norte-americano (Hollist, Miller, 2005) e latino-americano (Consoli, Bernardes, & Marin, 2018) evidenciaram a relevância do gênero na qualidade conjugal e no ajustamento conjugal, respectivamente. Ressalta-se que gênero é uma categoria diretamente relacionada ao contexto sócio-cultural, e somado ao fato de a maioria dos estudos serem

de origem norte-americana, é possível questionar quais seriam os resultados de investigações que analisassem a relação entre gênero e estilo de apego tanto no Brasil, quanto em outros contextos culturais.

Considerações finais

As informações reunidas neste estudo podem ser úteis para futuras pesquisas sobre o tema, uma vez que fornece um panorama geral acerca do estado da arte na literatura internacional e brasileira do estilo de apego e da conjugalidade, apontando para lacunas e incongruências. Diante disso, sugere-se: a) a realização de mais pesquisas voltadas exclusivamente para o estilo de apego em adultos, de modo a averiguar se esse construto de fato tem o caráter de estabilidade apontado pelos autores da área, especialmente no contexto brasileiro, com as suas particularidades socioculturais; b) realizar mais investigações qualitativas e longitudinais, com o intuito de se obter uma visão mais aprofundada sobre o fenômeno, bem como de ampliar o conhecimento não apenas sobre as repercussões do estilo de apego na relação conjugal, mas também sobre o modo como elas ocorrem, a dinâmica de funcionamento e especificidades.

Questiona-se, ainda, se diferentes arranjos de estilo de apego conjugais influenciariam na qualidade dos relacionamentos. Em geral, as pesquisas têm direcionado a atenção para a contribuição do estilo de apego de um indivíduo para a conjugalidade, porém, mais estudos sobre a interação diádica do apego trariam maior clareza se, dependendo do estilo de apego do cônjuge, um evento potencialmente estressor poderia favorecer a manifestação de maior ou menor insegurança no indivíduo.

Ressalta-se, ainda, as limitações deste estudo. É possível que não se tenha acessado a totalidade dos trabalhos publicados sobre o tema investigado, uma vez que esta investigação restringiu-se a analisar apenas artigos científicos, excluindo teses e dissertações, e com a utilização de descritores não padronizados em uma das bases de dados. Além disso, foram utilizadas apenas duas bases de dados e descritores em apenas duas línguas, de forma que ampliar a busca talvez retornasse outros resultados. Também foram priorizados os estudos com texto completo disponível, o que restringiu esta revisão.

Referências

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allendorf, K., & Ghimire, D. J. (2013). Determinants of marital quality in an arranged marriage society. *Social Science research*, 42(1), 59-70. Doi 10.1016/j.ssresearch.2012.09.002
- Anton, I. (2000). *A escolha do cônjuge: Um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. Porto Alegre: Artmed.
- Benson, L. A., Sevier, M., & Christensen, A. (2013). The impact of behavioral couple therapy on attachment in distressed couples. *Journal of marital and family therapy*, 39(4), 407-420. Doi 10.1111/jmft.12020
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and Prospect. *Am. J. Orthopsychiatry*, 52(4), 664-678. Doi 10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x
- Brennan, K. A., Clark, C. L. & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: an integrative overview. In: Simpson, J. A. & Rholes, W. S. (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Burgess Moser, M., Johnson, S. M., Dalgleish, T. L., Lafontaine, M. F., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2016). Changes in relationship-specific attachment in emotionally focused couple therapy. *Journal of Marital and Family Therapy*, 42(2), 231-245. Doi 10.1111/jmft.12139
- Butler, M. H., Harper, J. M., & Mitchell, C. B. (2011). A Comparison of Attachment Outcomes in Enactment-Based Versus Therapist-Centered Therapy Process Modalities in Couple Therapy. *Family Process*, 50(2), 203-220. Doi 10.1111/j.1545-5300.2011.01355.x.
- Brum, E. H. M., Frizzo, G. B., Gomes, A. G., Silva, M. R., Souza, D. D., & Piccinini, C. A. (2012). Evolução dos modelos de pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(2), 259-269. Doi 10.1590/S0103-166X2012000200012
- Consoli, N., Bernardes, J. W., & Marin, A. H. (2018). Laços de afeto: as repercussões do estilo de apego primário e estabelecido entre casais no ajustamento conjugal. *Avances en Psicologia Latinoamericana*, 36(2), 315-329. Doi 10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5409
- Cox, C. R., & Arndt, J. (2012). How sweet it is to be loved by you: the role of perceived regard in the terror management of close relationships. *Journal of personality and social psychology*, 102(3), 616. Doi 10.1037/a0025947

- Dalgleish, T. L., Johnson, S. M., Burgess Moser, M., Wiebe, S. A., & Tasca, G. A. (2015). Predicting key change events in emotionally focused couple therapy. *Journal of marital and family therapy, 41*(3), 260-275. Doi 10.1111/jmft.12101
- Dekel, R. (2007). Posttraumatic distress and growth among wives of prisoners of war: The contribution of husbands' posttraumatic stress disorder and wives' own attachment. *American journal of Orthopsychiatry, 77*(3), 419-426. Doi [10.1037/0002-9432.77.3.419](https://doi.org/10.1037/0002-9432.77.3.419)
- Delatorre, M. Z., (2017). Conflito conjugal: evidências de validade de uma escala de resolução de conflitos em casais do sul do Brasil. *Avances en Psicología Latinoamericana, 35*(1), 79-94. Doi [10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742](https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3742)
- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond Jr, R. S., Deckman, T., Finkel, E. J., Luchies, L. B., & Fincham, F. D. (2011). So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: Avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology, 101*(6), 1302-1316. Doi 10.1037/a0025497
- Dinero, R. E., Conger, R. D., Shaver, P. R., Widaman, K. F., & Larsen-Rife, D. (2008). Influence of family of origin and adult romantic partners on romantic attachment security. *Journal of Family Psychology, 22*(4), 622-632. Doi 10.1037/a0012506
- Ein-Dor, T., Doron, G., Solomon, Z., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2010). Together in pain: Attachment-related dyadic processes and posttraumatic stress disorder. *Journal of Counseling Psychology, 57*(3), 317-327. Doi 10.1037/a0019500
- Forsythe, L. P., Romano, J. M., Jensen, M. P., & Thorn, B. E. (2012). Attachment style is associated with perceived spouse responses and pain-related outcomes. *Rehabilitation psychology, 57*(4), 290-300. Doi 10.1037/a0030083
- Gallagher, H. C., Lusher, D., Gibbs, L., Pattison, P., Forbes, D., Block, K., Harms, L., MacDougall, C., Kellett, C., Ireton, G., & Bryant, R. A. (2017). Dyadic effects of attachment on mental health: Couples in a postdisaster context. *Journal of Family Psychology, 31*(2), 192-202. Doi 10.1037/fam0000256.
- Gere, J., MacDonald, G., Joel, S., Spielmann, S. S., & Impett, E. A. (2013). The independent contributions of social reward and threat perceptions to romantic commitment. *Journal of Personality and Social Psychology, 105*(6), 961-977. Doi 10.1037/a0033874
- Griffin, D. & Bartholomew, K. (1994). Models of the Self and Other: Fundamental Dimensions Underlying Measures of Adult Attachment. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*(3), 430-445. Doi 10.1037/0022-3514.67.3.430

- Güçlü, O., Şenormancı, O., Şenormancı, G., Köktürk, F. (2017). Gender differences in romantic jealousy and attachment styles, *Psychiatry and Clinical Psychopharmacology*, 27(4), 359-365, Doi: 10.1080/24750573.2017.1367554
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/a7ed/78521d0d3a52b6ce532e89ce6ba185b355c3.pdf>
- Herbert, G. L., McCormack, V., & Callahan, J. L. (2010). An investigation of the object relations theory of depression. *Psychoanalytic Psychology*, 27(2), 219-234. Doi [10.1037/a0019423](https://doi.org/10.1037/a0019423)
- Hollist, C. S., Miller, R. B. (2005). Perceptions of attachment style and marital quality in midlife marriage. *Family Relations*, 54(1), 46-57. Doi <https://doi.org/10.1111/j.0197-6664.2005.00005.x>
- Hwang, K., Johnston, M., & Smith, J. K. (2007). Romantic attachment in individuals with physical disabilities. *Rehabilitation Psychology*, 52(2), 184-195. Doi [10.1037/0090-5550.52.2.184](https://doi.org/10.1037/0090-5550.52.2.184)
- Johnson, L. N., Tambling, R. B., Mennenga, K. D., Ketring, S. A., Oka, M., Anderson, S. R., ... & Miller, R. B. (2016). Examining attachment avoidance and attachment anxiety across eight sessions of couple therapy. *Journal of marital and family therapy*, 42(2), 195-212. Doi [10.1111/jmft.12136](https://doi.org/10.1111/jmft.12136)
- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions. *Journal of Family Psychology*, 30(5), 592-601. Doi: [10.1037/fam0000194](https://doi.org/10.1037/fam0000194)
- Koruk, S. (2017). The Effect of gender and attachment styles on the relationship between marital adjustment and psychological symptoms. *European Journal of Educational Research*, 6 (1), 69-77. Doi: [10.12973/eu-jer.6.1.69](https://doi.org/10.12973/eu-jer.6.1.69)
- Kruger, D. J., & Hughes, S. M. (2010). Variation in reproductive strategies influences post-coital experiences with partners. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 4(4), 254-264. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/fulltext/2011-14971-004.pdf>
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P. A., Clarke, M., Devereaux, P. J., Kleijnen, J., & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. *PLoS medicine*, 6(7), e1000100. Doi: [10.1136/bmj.b2700](https://doi.org/10.1136/bmj.b2700)

- Loubat, M., Ponce, P., & Salas, P. (2007). Estilo de Apego em Mulheres y su Relación con el Fenómeno del Maltrato Conyugal. *Terapia psicológica*, 25(2), 113-122. Doi: 10.4067/S0718-48082007000200002
- Mohr, J. J., Selterman, D., & Fassinger, R. E. (2013). Romantic attachment and relationship functioning in same-sex couples. *Journal of counseling psychology*, 60(1), 72-82. Doi: 10.1037/a0030994
- Monteiro, André Maurício. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3), 10-19. Doi: 10.1590/S1414-98932001000300003
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16, 315-325. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a03.pdf>
- Nosko, A., Tieu, T. T., Lawford, H., & Pratt, M. W. (2011). How do I love thee? Let me count the ways: Parenting during adolescence, attachment styles, and romantic narratives in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 47(3), 645-657. Doi 10.1037/a0021814
- Özmen, O., Atik, G. (2010). Attachment styles and marital adjustment of turkish married individuals. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 367-371. Doi:10.1016/j.sbspro.2010.07.106
- Ratto, N., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2016). Attachment with mother and adolescents' conflict with romantic partner or close friend. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 48(1), 68-77. Doi 10.1037/cbs0000031
- Rohmann, E., Neumann, E., Herner, M. J., & Bierhoff, H. W. (2012). Grandiose and vulnerable narcissism: Self-construal, attachment, and love in romantic relationships. *European Psychologist*, 17(4), 279-290. Doi 1027/1016-9040/a000100
- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento Conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 26-33. Doi: 10.24879/201600100010044
- Sampaio, R. F., & Mancini, M. C. (2007). Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. *Revista brasileira de fisioterapia*, 11(1), 83-89. Doi: 10.1590/S1413-35552007000100013

- Scheeren, P., Vieira, R. V. D. A., Goulart, V. R., & Wagner, A. (2014). Marital quality and attachment: The mediator role of conflict resolution styles. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24(58), 177-186. Doi: 10.1590/1982-43272458201405
- Scheeren, P., Zanella Delatorre, M., Neumann, A. P., & Wagner, A. (2015). O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(3), 835-852. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v15n3/v15n3a04.pdf>
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a15v26n3.pdf>
- Seedall, R. B., Butler, M. H., Zamora, J. P., & Yang, C. (2016). Attachment change in the beginning stages of therapy: Examining change trajectories for avoidance and anxiety. *Journal of marital and family therapy*, 42(2), 217-230. Doi: 10.1111/jmft.12146
- Seedall, R. B., & Lachmar, E. M. (2016). Attachment-related dynamics during a positively themed couple interaction: Implications of anxiety and avoidance. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 5(1), 27-42. Doi: 10.1037/cfp0000054
- Selterman, D., & Drigotas, S. (2009). Attachment styles and emotional content, stress, and conflict in dreams of romantic partners. *Dreaming*, 19(3), 135-151. DOI 10.1037/a0017087
- Semensato, M. R., & Bosa, C. A. (2014). Apego em casais com um filho com autismo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(2), 379-400. Doi: 10.1590/1984-0292/839
- Serralta, F. B., Nunes, M. L. T., & Eizirik, C. L. (2011). Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4), 501-510. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n4/10.pdf>
- Simons, L. G., Simons, R. L., Landor, A. M., Bryant, C. M., & Beach, S. R. (2014). Factors linking childhood experiences to adult romantic relationships among African Americans. *Journal of family psychology*, 28(3), 368-379. Doi: 10.1037/a0036393
- Skentelbery, S. G., & Fowler, D. M. (2016). Attachment styles of women-younger partners in age-gap relationships. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 10(2), 142-147. Doi: 10.1037/eb0000064
- Smith, D. A., Breiding, M. J., & Papp, L. M. (2012). Depressive moods and marital happiness: Within-person synchrony, moderators, and meaning. *Journal of Family Psychology*, 26(3), 338-347. Doi: 10.1037/a0028404

- Timm, T. M., Keiley, M. K. (2011). The effects of differentiation of self, adult attachment, and sexual communication on sexual and marital satisfaction: a path analysis. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 37(3), 206-223, Doi: 10.1080/0092623X.2011.564513
- Tomlinson, J. M., Carmichael, C. L., Reis, H. T., & Aron, A. (2010). Affective forecasting and individual differences: Accuracy for relational events and anxious attachment. *Emotion*, 10(3), 447-453. Doi: 10.1037/a0018701
- Uchino, B. N., Bosch, J. A., Smith, T. W., Carlisle, M., Birmingham, W., Bowen, K. S., Light, K. C., Heaney, J., & O'hartaigh, B. (2013). Relationships and cardiovascular risk: Perceived spousal ambivalence in specific relationship contexts and its links to inflammation. *Health Psychology*, 32(10), 1067-1075. Doi: 10.1037/a0033515

Recebido em: maio de 2021

Publicado em: dezembro de 2021